

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
CURSO DE ARTES CÊNICAS E DANÇA – LICENCIATURA

Trabalho de Conclusão de Curso

**A LUDICIDADE E O ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO PARA CRIANÇAS DE 05
ANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO**

Campo Grande, MS
OUTUBRO / 2017

**A LUDICIDADE E O ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO PARA CRIANÇAS DE 05
ANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO**

VALESKA THOMÉ MALULEI

Trabalho de Conclusão de Curso,
orientado pela Professora Mestre
Christiane Guimarães de Araújo,
apresentado como requisito parcial para
conclusão do curso de Artes Cênicas e
Dança – Licenciatura da UEMS –
Universidade Estadual de Mato Grosso
do Sul.

Campo Grande - MS

OUTUBRO / 2017

A LUDICIDADE E O ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO PARA CRIANÇAS DE 05 ANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

Valeska Thomé Malulei¹
Christiane Guimarães de Araújo²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo discutir a respeito da ludicidade no processo de ensino e aprendizado em aulas de balé clássico para crianças de 05 anos, além de investigar se essas aulas, ministradas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida em 2016 e 2017, colaboraram de alguma forma para os aspectos motor, cognitivo e social do desenvolvimento das crianças participantes. Estudos nos mostram que este processo de ensino e aprendizado se trata de uma proposta que só vem a contribuir com o aluno, o professor e todo o sistema de ensino, com isso, por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com duas alunas e suas respectivas mães, apresenta-se o artigo em três diferentes olhares: o olhar do professor, que é o responsável pelas propostas das aulas e também observador do processo de experimentação, o olhar da criança, que é quem está recebendo e experimentando tais propostas, e o olhar da mãe que é quem observa a criança conhecendo seu desenvolvimento e crescimento antes e depois das aulas, para que possamos encontrar essas contribuições.

PALAVRAS-CHAVE: Ludicidade; Balé Clássico; Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo investigar se aulas de balé clássico destinada à alunos de 05 anos, desenvolvidas a partir da ludicidade, colaboram para o desenvolvimento das crianças participantes. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que utiliza de entrevistas semi-estruturadas como instrumento metodológico. A busca está voltada em três seguimentos: o olhar da criança, que é quem experimenta; o olhar da mãe, quem à observa; e o olhar do professor que está ligado tanto à experiência, quanto à observação. Dentre os autores utilizados como referencial teórico para a base das discussões, temos Claudia Damásio (2000) que acredita no ensino da dança para crianças a partir de um trabalho que priorize o desenvolvimento infantil, Eliana Malanga (1985), Vera Aragão (2015) e Flávio Sampaio (2000), autores que trazem fatores acerca do balé clássico, seu contexto e construção, e, Paulo Nunes de Almeida (2003), que propõe um processo de ensino e aprendizado a partir da ludicidade.

¹ Artista da dança, professora de balé clássico no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida e acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Professora do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Doutoranda e Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. Especialista em Arte Integrativa pela Universidade Anhembi Morumbi, graduada em Dança pela Faculdade de Artes do Paraná.

Segundo Eliana Malanga (1985), em seu texto “Comunicação e Balé”, sabemos que o balé clássico surgiu na corte francesa de Luís XIV, no século XVII, inicialmente refletindo gestos, movimentos e padrões típicos da corte, e que, apesar de ser uma técnica muito antiga, ainda é muito vista e procurada nos dias atuais. Ainda segundo Malanga (1985, p. 85) “[...] esta sobrevivência, através do tempo, ocorre justamente porque a língua clássica pode ser utilizada de maneira criativa dentro de um discurso não clássico”, e ainda nos diz que:

A técnica clássica oferece uma ampliação das possibilidades e potencialidades de movimento harmonioso do corpo humano, não em seu todo, mas em grande parte, de tal modo que o domínio desta técnica permite uma grande facilidade no aprendizado de outras (MALANGA, 1985, p. 85).

A discussão se permeia pela busca de um novo olhar para o ensino da técnica clássica para crianças, com o uso da ludicidade. Isso porque acreditamos que nesta perspectiva é possível um aprendizado voltado para o que a criança precisa fortalecer em cada momento de seu desenvolvimento e crescimento. Como locus para este estudo utilizou-se o trabalho que desenvolvo no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida com crianças de 05 anos, de 2016 até o presente momento, em que busca-se descobrir as contribuições deste trabalho para o desenvolvimento das crianças.

Iniciei como professora do Estúdio de Dança, no mesmo período em que iniciei o Curso de Licenciatura em Artes Cênicas e Dança na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), fato que me permitiu desde cedo, voltar o olhar para “o diferente”, ou seja, uma busca da experimentação e da criatividade para as aulas de uma técnica já tão estruturada e codificada como o balé clássico.

Desta maneira, a pesquisa se torna relevante para mim, como pessoa e professora por ser uma espécie de resposta ao trabalho que desenvolvo, uma forma de perceber se o trabalho realizado tem contribuído de alguma maneira ao desenvolvimento das crianças. Além disso, acreditamos na contribuição da pesquisa para o ensino do balé clássico infantil, para que este possa ser pensado e mais discutido no âmbito acadêmico, já que não se fala muito nesta questão voltada ao balé clássico, como concorda a autora Cláudia Damásio (2000, p. 223) em sua obra “A dança para crianças”:

Pouco se discute as questões ligadas ao ensino da dança, como ele se dá, o que privilegiar neste trabalho diário, o que faz o professor de dança. É

importante que a produção atual seja acompanhada por uma discussão mais profunda sobre a pedagogia.

Pensar e discutir mais a respeito deste assunto talvez seja um caminho interessante tanto para quem está no lugar que media o conhecimento, quanto para quem o recebe, para que se tenha um processo de ensino pautado na pedagogia, voltado ao que é realmente necessário no desenvolvimento da criança.

Traremos questões que permeiam o processo de ensino e aprendizado com base na utilização da ludicidade, e, como esse processo pode estar presente no ensino da dança, mais precisamente, em aulas de balé clássico para crianças de 05 anos, além de compreender qual o papel do professor em meio a isso tudo. A partir disso, veremos se, as aulas realizadas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida, que utilizam a ludicidade como ferramenta para uma nova proposta de ensino da técnica clássica, contribuem, de alguma forma para o desenvolvimento das crianças.

1. Ludicidade no processo de ensino e aprendizado

Quando pensamos em ludicidade logo nos vem à cabeça termos como a brincadeira, a infância e seus encantamentos, como se tudo que estivesse ligado a ela fosse totalmente distante de ações como aprender e ensinar. Percebemos que a ideia de que não é possível aprender brincando ainda hoje é bastante presente.

Seria possível então uma educação em que a ludicidade, a diversão e alegria estivessem presentes? Do que se trataria isto? Paulo Nunes de Almeida (2003) acredita que esta se trata de uma “proposta de contribuição”. Contribuição não apenas para a satisfação do aluno ou para o seu desenvolvimento e aprendizado, mas também para todo o sistema que envolve a educação, pois:

A educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente, intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador da sociedade (ALMEIDA. 2003 p. 31).

Desta forma, sem deixar de ser satisfatória e prazerosa, a educação que utiliza da ludicidade, também propõe reflexão, criatividade, socialização ao aluno, além de trabalhar tudo o que o compõe como ser humano.

Almeida (2003, p. 32) ainda nos diz que “educar tem um significado muito profundo e está presente em todos os segmentos da vida”, inclusive nos momentos de diversão estamos aprendendo, sendo estimulados e desenvolvendo. A partir disso, pensaremos este processo que se utiliza da ludicidade para trazer as questões ligadas ao ensino da dança para crianças.

2. “Dança lúdica” e “Dança técnica”

Uma vez que diversos profissionais atuem na área do ensino da dança, e cada profissional possua uma formação distinta, será possível encontrar diversos tipos de abordagens trabalhadas, pois são criados objetivos peculiares a partir das vivências de cada professor e este conceitua e desenvolve a pedagogia da dança que quer trabalhar. No entanto, quando pensamos e até mesmo observamos estas abordagens relacionadas à dança para crianças nos deparamos com uma dualidade entre a “dança lúdica” e a “dança técnica”.

Já vimos anteriormente que a ludicidade é fator fundamental para o desenvolvimento infantil, seja através de jogos, brincadeiras ou novas propostas. Porém, agora, iremos pensá-la como ferramenta a ser utilizada em aulas de balé clássico para crianças de 05 anos.

Durante muito tempo pudemos perceber que a técnica clássica implicava ao bailarino a não necessidade de pensar, “sua função era repetir o movimento tecnicamente preciso e inventar para ele uma interpretação, já que não havia um entendimento mais profundo sobre os princípios que o faziam nascer” (SAMPAIO, 2000, p. 266). Não se tinha um estudo aprofundado sobre o corpo e nem o movimento.

Percebemos que, ainda que muitos estudos acerca deste assunto tenham sido desenvolvidos hoje, esta situação ainda é bastante presente quando pensamos o ensino do balé clássico, inclusive para crianças.

Trabalhos são desenvolvidos em busca de um progresso técnico cada vez mais acelerado o que acaba incentivando uma aprendizagem também acelerada, que nos permite ver crianças cada vez mais cedo imbuídas da técnica, no entanto sem ter passado por um processo de desenvolvimento saudável, conforme afirma Damasio (2000, p. 277):

Em nome de um progresso técnico mais rápido, tende-se a queimar etapas importantes do desenvolvimento da criança. As consequências disto só serão visíveis mais tarde, na perda da expressividade e mesmo do virtuosismo, já que importantes coordenações de base não foram consideradas como caminho para o aprendizado e para a construção da dança.

Um progresso técnico acelerado se trata de um trabalho que não considera importantes coordenações de base, e não tem em primeiro plano os limites e fases do desenvolvimento da criança.

Pensando nesses limites e fases, pensamos também em um processo gradual, em que exista sim a evolução, porém, de forma sadia e repleta de consciência, caso contrário, estaremos contribuindo não apenas para a formação de meros reprodutores de uma técnica, mas também para bailarinos sem consciência de si, do corpo, da dança. Desta maneira, entendemos que:

A complexidade da composição é necessária, mas deve ser superada racionalmente, artisticamente, e não mecanicamente. As dificuldades devem ser incluídas gradualmente, do simples ao complexo, do pequeno ao grande, preparando cada movimento de difícil execução, conquistando cada etapa, até alcançar sua forma final. Qualquer que seja a combinação, o excesso de complexidade ou de aceleração no tempo musical irá forçar o aluno a fixar mais sua atenção no “o que fazer” em vez de “como fazer” (SANCHEZ, 2006, p. 122).

Pensar então no “como fazer” em vez de “o que fazer”, esteja ele relacionado ao movimento, ritmo musical ou movimentação espacial, se trata de um caminho interessante que pode promover uma maior consciência de si, e de compreender os princípios que regem a dança e a técnica clássica.

Toda técnica de dança deve despertar e estimular a sensibilidade e autoconhecimento do sujeito que a executa, e não ser imposta ao corpo como um treinamento rígido. A técnica a que a artista se refere é justamente essa relação: como determinado corpo se organiza em determinada ação (FELTES e PINTO, 2015, p. 78).

Ou seja, a partir de um trabalho que vise a consciência do aluno e que tenha como foco os princípios que regem a técnica, pensando a fundo sobre o desenvolvimento, é que será possível existir a relação do bailarino com a dança, com a técnica.

O diálogo entre os profissionais que priorizam a técnica e os profissionais que valorizam o desenvolvimento da criança, ainda é bastante delicado e motivo de confrontos, conforme nos diz Damasio (2000, p. 225):

Observamos no Brasil, que os limites entre a “dança lúdica” e a “dança técnica” continuam bastante demarcados. Constatamos que existem muitas e competentes experiências de trabalho corporal para crianças, mas que nem sempre conseguem realizar a passagem entre estas experiências e a dança, deixando de criar, tanto para a criança quanto para o professor, um caminho visível de progressão em dança. (DAMASIO, 2000, p. 225).

Ainda que existam competentes trabalhos, muitos acabam não conseguindo gerar o que a autora chama de progressão em dança. Ou seja, deixam de contribuir para um trabalho que aos poucos vá construindo na criança os elementos necessários para a fase do desenvolvimento em que está.

A “Dança lúdica” propõe que o desenvolvimento da criança esteja em primeiro plano, e que isso aconteça através da exploração das percepções, particularidades e expressividades que estão presentes na dança, já que:

Em dança, a complexidade dos fenômenos é enorme e sua particularidade, em relação às outras atividades corporais, está em seu caráter expressivo e artístico. A dança é impregnada de percepções táteis, visuais, auditivas, afetivas, cinestésicas (DAMASIO, 2000, p.224).

Para isso, há a busca e utilização de exercícios, propostas e jogos que contenham elementos da realidade infantil e que permitam a criança aprender brincando, afinal, o desenvolvimento que nos referimos se trata de um processo dinâmico. Conforme nos afirma Felipe (2001, p. 27) Piaget, Vigotsky e Wallon, importantes nomes que estudaram as questões do desenvolvimento “tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio” e ainda que estabelecessem formas diferentes de pensamento dessas construções do conhecimento e desenvolvimento da criança, foram importantes para entendermos como este processo acontece. Além disso, nos afirma que:

Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem (FELIPE, 2001, p. 27).

Ou seja, pensar o desenvolvimento da criança é valorizar as questões que o envolvem como o sujeito que é, o meio em que está inserido e o contato que tem com outras crianças ou adultos.

Cláudia (2000, p. 227) continua a nos afirmar que sim, diversas iniciativas têm sido feitas com o objetivo de se estabelecer uma pedagogia da dança. E que é do diálogo entre este corpo em crescimento e a “matéria prima” da dança que se constrói este caminho pedagógico. Tais experiências vão levar a descobertas que servirão de base sólida para que a técnica propriamente dita seja construída. O que além de promover uma reflexão acerca da maneira como se trabalhar nos coloca a refletir sobre o profissional que atua neste trabalho.

3. A utilização da ludicidade e a importância do professor nesse processo

Pensar o trabalho do professor é compreender a importância de seu papel no desenvolvimento do aluno, uma vez que é ele quem possui o conhecimento, além de ser o grande responsável pela forma de como este conhecimento será mediado.

Durante muitos anos uma série de noções envolveram aquele que vai ensinar a dança às crianças. Dar aula para elas seria um caminho natural no início de uma vida profissional. Professores iniciantes eram procurados para realizar esta função, como se a pouca maturidade artística e pedagógica fosse tão relevante em se tratando de um trabalho para crianças pequenas. Estas aulas, muitas vezes, deixavam de ser plenamente sustentadas como aulas de dança para serem conduzidas como recreação ou expressão baseadas no movimento – uma vez que aceita-se com facilidade a ideia de que, aos 4, 5 e mesmo 6 anos, as crianças não têm ainda a maturidade necessária para tomar aulas “de verdade” de técnica de dança (DAMÁSIO, 2000, p. 226).

Por muito tempo acreditou-se que ou deveria se aprender a técnica, ou as aulas de dança seriam puramente recreativas, aulas sem objetivos, já que o que importava de fato era a técnica. Além disso, por se tratar de ensinar crianças, acreditava-se também no fato de que a pouca experiência bastava, então professores iniciantes seriam os responsáveis por tal trabalho. No entanto, vemos que isso se trata de algo ineficiente, pois ensinar crianças é estar imbuído de uma finalidade única, ser o responsável pelo desenvolvimento, pelo processo de aprendizagem.

Para entendermos mais a fundo do que se trata este trabalho, podemos utilizar como exemplo, as aulas desenvolvidas no Estúdio de dança Beatriz de Almeida, que são o foco do presente trabalho.

Noções espaciais, ritmo, coordenação motora, equilíbrio, concentração, socialização e criatividade são alguns dos elementos que permeiam meu trabalho. Pensando a fundo sobre cada um deles, são desenvolvidos exercícios, jogos e propostas que estejam voltados para a realidade das crianças.

Uma das propostas realizadas no Estúdio para as alunas de cinco anos se trata de quando andamos pela sala em fila indiana, o que já nos permite ter a consciência do “meu espaço” e ao mesmo tempo permitindo ter a consciência de todo o espaço existente na sala. Este espaço deixa de ser uma sala de dança, a partir do momento que o inserimos em uma história, que vai aos poucos o transformando. Ao mesmo tempo, nosso corpo também é transformado pela história, já que somos as personagens principais de tudo o que acontece. Ainda que, normalmente as aulas aconteçam com o mínimo de seis alunas, cada uma possui a sua particularidade, que também é valorizada na história, como a cor da roupa que utiliza, o que mais gosta de fazer, o que está vendo em determinado momento, situações que nos permitem explorar a criatividade de cada aluna e também a socialização entre o grupo.

Cláudia Damásio (2000, p. 229) nos afirma que “o jogo é corporal, a relação com o meio ambiente é lúdica. As experiências de aprendizado se fazem através do brincar.” Ou seja, todo este processo se dá a partir do corpo, e todas as relações a serem feitas, precisam ser de forma lúdica, assim, a criança é capaz de aprender brincando.

Além disso, no decorrer da história, a movimentação corporal também acaba sendo transformada, passando por situações em que precisamos nos concentrar, além de encontrar soluções para o que acontece como estímulos que são propostos a partir da exploração dos níveis, planos, e equilíbrio do corpo.

Dessa forma, um simples andar na ponta dos pés se transforma em andar no sapato de salto da mamãe; o equilibrar-se em um pé só se transforma em voar como um avião; o andar abaixando e depois levantando se transforma em descer e subir uma escada. São essas situações que nos permitem explorar as necessidades das crianças se tratando de seu desenvolvimento, e ao mesmo tempo trazer propostas que estimulem e desenvolvam o amor pela dança, pela arte.

O ensino do balé clássico hoje está diante de uma dualidade como visto anteriormente, principalmente quando se trata de ensinar crianças. Feltes e Pinto (2015, p. 78) nos afirmam que:

Para que seja apropriada por uma criança, um adolescente ou um adulto é importante que o aluno tenha primeiramente a oportunidade de sentir, perceber e conhecer seu corpo e seu funcionamento, para que possa encontrar aos poucos a postura e a coordenação dos movimentos exigidos pelo balé. Por isso é importante que a técnica seja introduzida respeitando o processo individual e à constituição física de cada aluno, suas possibilidades e limitações.

Ou seja, um processo de consciência corporal para que a criança venha adquirir maturidade, e respeite sua fase de desenvolvimento, possibilidades e limitações, se trata de um trabalho consciente, e é de responsabilidade do professor.

Isso é bastante presente na realidade das crianças que participam das aulas desenvolvidas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida. Elas são convidadas, desde a primeira aula, a conhecer seu corpo através do olhar, da fala e do toque. Além disso, em determinadas propostas são convidadas a descobrir as movimentações que determinada parte do corpo é capaz de realizar.

Ainda a respeito deste processo de consciência e sensibilidade iremos elencar alguns pontos fundamentais a serem desenvolvidos nas aulas para que esse objetivo possa ser alcançado. Segundo Damásio (2000, p. 229):

O trabalho, nesta fase, está centrado no desenvolvimento de sua estrutura sensorial. É, sobretudo no movimento, partindo daquilo que a criança é capaz de fazer, que podemos gradualmente favorecer um desenvolvimento expressivo da dança. Trata-se de uma educação da sensibilidade.

Claudia Damásio (2000, p. 229) chama esta fase de aprendizado da criança que possui idade entre 04 e 06 anos de “despertar”, pois se trata de um primeiro momento, um primeiro contato com a dança, quando tudo começa a ser construído. E continua dizendo que “nesta fase, a dança deve ser abordada através de ações que impliquem o corpo da criança numa globalidade: ações globais organizadas em oposições, tais como o abrir e fechar...”.

Essa questão também é bastante presente nas aulas desenvolvidas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida. Pensamos e conhecemos o corpo, descobrimos como se move, e então diferentes propostas organizadas em oposições surgem como desafios e experimentos, e não apenas o abrir e fechar, mas também o alongar e contrair, subir e descer, entre outros.

Além dessas, também são desenvolvidas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida propostas que permitam a criança ter contato com as oposições de peso, contrastes entre níveis, planos e intensidades, equilíbrio e desequilíbrio, tudo isso de

forma a desenvolver vários aspectos como a coordenação motora, exatamente o que propõe Claudia Damasio (2000, p. 229):

Cabe favorecer descobertas de peso, equilíbrio, grandes contrastes como alto e baixo, grande e pequeno, rápido e lento, e as invenções das próprias crianças, estimuladas pela atuação do professor, que reconhece em suas manifestações os princípios do movimento dançado.

É o professor o grande responsável por esse trabalho de desenvolvimento dos alunos, disso não temos mais dúvidas, então, quando pensamos na questão do ensino do balé clássico para crianças, Feltes e Pinto (2015, p. 73) nos dizem:

Por isso é importante que o professor saiba como promover um trânsito coerente entre os códigos do balé e a percepção – sensível – da organização de seus movimentos. Tal articulação deve acontecer em primeiro lugar, no corpo do professor, para que ele desenvolva estratégias a serem compartilhadas com os alunos que serão então, capazes de experienciar essas relações.

Somente através do fato de se colocar no lugar do outro e pensar o que a criança precisa desenvolver é que será possível construir um caminho saudável na aprendizagem. O professor é fundamental neste processo, como diz Claudia (2000, p. 230) “É ele quem, ao olhar os movimentos das crianças, estabelecerá elos com a dança.” Então, é interessante que se aproprie dos princípios existentes na técnica clássica, para a partir deles, construir as aulas de forma lúdica, divertida, interessante.

4. Contribuições para o desenvolvimento infantil

Durante o processo das entrevistas, conversamos com duas alunas bastante diferentes - tanto na personalidade, quanto em seu desempenho nas aulas - e suas respectivas mães. Ainda que obtivéssemos respostas diferentes, pudemos perceber alguns pontos em que as entrevistas dialogavam, ficando claro que as aulas realizadas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida para crianças de 05 anos têm colaborando para o seu desenvolvimento.

Um dos pontos em que percebemos diálogo, foi a questão da vontade das crianças em estar e participar das aulas, “*se trata de algo que eu não preciso insistir, ela adora*” disse a mãe 1, enquanto a mãe 2 nos disse “*por mais que eu não consiga levá-la a aula, eu sei que ela gosta muito, e não é preciso nenhum esforço para que*

ela vá”. Da mesma maneira perguntamos às alunas sobre esta questão, o que havia na aula que a fazia querer ir, querer continuar.

O primeiro ponto trazido por uma das crianças foi o fato do corpo se movimentar, *“gosto de vir nas aulas porque gosto de dançar”* disse a criança 1. Almeida (2003, p. 47) nos diz que:

“os jogos de que as crianças mais gostam são aqueles em que seu corpo esta em movimento; elas ficam contentes quando podem movimentar-se, e é essa movimentação do corpo que torna seu crescimento físico natural e saudável”.

Entendemos então a alegria das alunas em poder estar presentes em uma aula em que os jogos, exercícios e propostas desenvolvidos envolvem a movimentação do corpo, a dança.

Percebemos também que este fato impulsionou para o segundo ponto, a questão da novidade e criatividade. Quando perguntamos à criança 2 o que ela acreditava que poderia estar diferente de quando não praticava as aulas para a agora que pratica, tivemos a resposta de que ela estava mais criativa. Isso se confirmou na resposta da mãe 2, dizendo que *“ela adora novidade, e eu sinto que existe muito disso nas aulas, pois ela sempre chega em casa me contando sobre os passos novos, brincadeiras...”* podemos entender essa “novidade” que a mãe coloca, além da variedade de exercícios, com as propostas de experimentação que acabam envolvendo a criação de cada aluna.

Momentos de liberdade para se movimentar de acordo os estímulos trazidos pela professora exemplificam essa questão. Estímulos sonoros como sons de chuva, de vento, músicas agitadas, músicas mais calmas, são elementos trazidos em determinado momento da aula, e a as alunas se tornam livres a experimentá-los como achar relevante. Além dos sonoros também são utilizados elementos visuais como vídeos e livros, e elementos táteis como bambolês, fitas, tecidos, bolas.

Além disso, o trabalho muitas vezes é desenvolvidos com temas, sempre temas diversos e focados no universo infantil. Existem propostas em que imaginamos estar em um circo e descobrir todos os elementos presentes neste universo, outras propostas seremos fadas, princesas, sempre trazendo questões tanto para o espaço a nosso redor quanto para as movimentações corporais. Sobre este assunto Batalha (2004, P. 237) nos diz que:

Os temas coreográficos e os enredos devem voltar-se para o mundo mágico e o universo dos contos infantis. Os temas e o mundo da fantasia servem como estímulo para desenvolver a expressão e facilitar a comunicação e devem ser abordados de forma a motivar a liberdade e auto-suficiência das crianças.

Percebemos então que o trabalho com temas voltados ao universo infantil se trata de uma proposta que acaba por estimular também a criatividade, que encontramos como resposta em uma das perguntas.

A utilização de temas está totalmente vinculada à proposta lúdica, pois se trata de transformar o ensino a partir da realidade infantil. Assim encontramos também exercícios e jogos em que, de modo a facilitar a compreensão das crianças, podemos em conjunto, dar nomes a eles. Movimentações espaciais passam a ser chamadas de zig-zag, roda gigante, carrossel, entre outros. Isso se mostra bastante eficaz na questão da facilidade do aprendizado, quando nos deparamos com a fala de uma mãe 1: *“eu acho muito legal a forma como você dá aula, inclusive até dentro da coreografia. Minha filha sempre comenta sobre as brincadeiras e que elas ajudam a criar nomes”*. Além de ser uma proposta que venha facilitar este aprendizado se torna algo divertido, como nos disse a criança 1: *“eu acho que fica mais difícil lembrar da brincadeira quando ela não tem um nome”*, e a criança 2: *“A gente ia confundir as brincadeiras. O nome faz a gente lembrar qual brincadeira é, como ela vai ser”*.

Essa questão é confirmada com a fala de ALMEIDA (2003, p. 48) *“a criança aprende muito mais depressa quando pode dar nome às coisas, quando aprende a conversar sobre situações e quando a linguagem verbal e escrita a seu redor é mais rica”*. Através da nomeação dos exercícios de forma lúdica, com temas do universo infantil, estamos contribuindo para um aprendizado mais rápido e eficaz.

Além disso, obtivemos como resposta à outra pergunta a questão da socialização. Uma das crianças se considera bastante tímida e, segundo a mãe 1 esse fator tem sido transformado ao longo do período em que a criança esteve presente as aulas. Acreditamos que:

Esta concepção lúdica envolve um sentimento de prazer na prática do balé clássico como também oportuniza a criança a se sentir incluído em um grupo. É de extrema importância que ela consiga muito mais se expressar, interagir e se divertir do que aprender a *“esticar o pé”* e fazer o movimento perfeito nesta idade específica e referente ao estudo (FELTES E PINTO, 2015, p. 20).

Ou seja, o fato de estar em um grupo, se relacionando com outras crianças, se constitui algo mais valioso para ela do que aprender “os passos” que a técnica exige, pois, estamos pensando a partir do que ela precisa desenvolver em certa idade.

Por se tratar de aulas em grupo, e muitas propostas serem realizadas a partir da relação com as demais crianças este tem sido fator de transformação. *“Fortalece a autoestima, a segurança”* nos disse a mãe 2, que considera sua filha bastante tímida e insegura, e que tem percebido mudanças no comportamento da filha depois que começou a praticar as aulas. Além das mães as próprias crianças têm sentido que este aspecto está diferente, *“agora tenho mais amigas”* disse a criança 1.

O lado motor, se tratando do equilíbrio, da percepção corporal e espacial, também é bastante trabalhado nas aulas. Quando perguntamos à mãe 1 sobre as mudanças que ela percebeu na filha, se tratando desta questão, ela nos disse: *“Melhorou a concentração que ela já tinha, postura como eu te falei, ela tá caindo menos, se batendo menos, ela está mais concentrada no andar, a gente percebe que ela não senta igual a gente, ela tem uma postura pra tudo”*.

A criança 2, pensando ainda sobre as questões motoras, nos disse ser muito distraída, e conforme fomos conversando também percebeu que o balé tem contribuído para que ela melhore isso.

Além disso, entramos no ponto da concentração, que é fato de influência neste desenvolvimento. Durante as propostas trabalhadas em aula as crianças são estimuladas a encontrar soluções para situações problemas, e até mesmo para assimilar novas movimentações corporais e espaciais, sendo preciso, então, trabalhar a concentração.

O interessante é perceber que as próprias crianças têm consciência disso, quando perguntamos o que elas acreditavam ser necessário para que os exercícios funcionassem, a criança 2 nos respondeu: *“Eu acho que a gente precisa fazer muita concentração. Quando alguém faz gracinha eu não gosto, quero que todo mundo faça tudo certinho”*. Da mesma maneira foi com a criança 1 quando perguntamos se pensar para realizar os exercícios era importante, ela nos disse que sim, que pensar é se concentrar, e quando não nos concentramos nosso corpo faz bagunça.

O fato das crianças terem a consciência de que tem surgido diferenças tanto em seu corpo, quanto em seu ser é muito importante, estaremos desenvolvendo

também a reflexão, a descobertas, como nos diz BATALHA (2004, p. 236) “O importante em Dança não é ensinar o conceito de movimento mas levar as crianças a descobri-lo e saber recriá-lo”. Percebemos então que, conforme nos diz Almeida (2003, p. 48):

É importante lembrar que, todos os jogos que as crianças participam, que inventam, ou pelos quais se interessam nessa fase constituem verdadeiros estímulos que enriquecem os esquemas perceptivos (visuais, auditivos e cinestésicos), operativos (memória, imaginação, lateralidade, representação, análise, síntese, causa, efeito), funções estas que, combinadas com as estimulações psicomotoras (coordenação fina, definem alguns aspectos básicos.

Todas as propostas que se interessem e priorizem o desenvolvimento da criança serão colaborativas de alguma maneira, seja no aspecto motor, no qual encontramos as noções do corpo, do espaço e equilíbrio, seja no aspecto cognitivo onde a concentração e a criatividade podem ser estimuladas, ou até mesmo no aspecto social, propondo a socialização, a troca e a interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer o tema ludicidade para o ensino descobrimos que não se trata apenas de diversão e brincadeira, mas de propostas que estejam voltadas ao universo infantil, que são de fato mais interessantes para as crianças.

Percebemos também que o processo de ensino e aprendizado tem passado por transformações, e alguns pesquisadores têm tido maior preocupação com as questões que envolvem a infância. A partir dessas preocupações nos deparamos com uma educação em que valoriza o desenvolvimento da criança.

Ao se tratar do ensino da dança para crianças, isso se torna ainda mais importante, pois encontramos trabalhos em que transformam crianças em meros reprodutores de uma técnica, enquanto poderiam estimular e proporcionar novas experiências para que a criança se desenvolva de uma forma saudável.

Desta maneira, acreditamos que o trabalho desenvolvido com as crianças do Estúdio de Dança Beatriz de Almeida através da ludicidade tem contribuído para o desenvolvimento das crianças participantes. Durante a pesquisa feita através de referenciais teóricos e entrevistas com as alunas e suas mães, pudemos perceber que o caminho da colaboração está sendo construído. Ficou claro que alguns fatores

dentro dos aspectos do desenvolvimento da criança têm sofrido transformações e isso tem trazido à realidade das crianças, novas percepções de mundo e de si.

Entendemos então que aulas de balé clássico para crianças quando utilizam dos princípios existentes na técnica e inserem a ludicidade em suas propostas só tem a contribuir, tanto para o aluno praticante, quanto a todo sistema de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 11. Ed. São Paulo: Loyola, 2003. BATALHA, Ana Paula. **Metodologia do Ensino da Dança**. Universidade Técnica de Lisboa, FMH edições, 2004.

BATALHA, Ana Paula. **Metodologia do Ensino da Dança**. Universidade Técnica de Lisboa, FMH edições, 2004.

DAMASIO, Claudia. A dança para crianças. In: **Lições de Dança 2**. PEREIRA, Roberto; SOTER, Silva (orgs.). Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000.

FELIPE, Jane. **Educação Infantil: pra que te quero?** /organizado por Carmem Maria Craidy e Gládis Elise P. da Silva Kaercher. – Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELTES, Alessandra Fernandes; PINTO, Aline da Silva. **Balé e Educação Infantil: Possibilidades Metodológicas**. Conhecimento Online, Novo Hamburgo, v.2, 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/273>>. Acesso em: 21 set 2017.

MALANGA, Eliana. **Comunicação e Balé**. São Paulo: Edima, 1985.

SANCHEZ, Vera Aragão de Souza. Reflexões sobre o Ensino do Ballet. In: **Lições de Dança 1**. PEREIRA, Roberto; SOTER, Silva (orgs.). - 2.ed. - Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2006.

SAMPAIO, Flávio. Balé: compreensão e técnica. In: **Lições de Dança 2**. PEREIRA, Roberto; SOTER, Silva (orgs.). Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE CAMPO GRANDE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa "A LUDICIDADE E O ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO PARA CRIANÇA DE 05 ANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO" desenvolvida pela acadêmica Valeska Thomé Malulei da Graduação em Artes Cênicas e Dança da Universidade estadual do Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Professora Ma. Christiane Araújo.

Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação a pesquisadora ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto ou sobre sua participação. As informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e que os resultados obtidos serão descritos de forma codificadas, não sendo divulgada qualquer informação que possa levar a sua identificação. Em hipótese alguma terá a identidade revelada. Para a utilização de imagem será elaborado um documento à parte para possível autorização e garantindo o anonimato do participante. Se você concordar em participar, favor assinar no final do documento.

Valeska Thomé Malulei
Rua Jornalista Márcia Mendes, 507, Jardim Campo Alto valeskamalulei@hotmail.com (67) 999152542
Orientadora: Prfª Ma. Christiane Araújo
Este estudo tem por objetivo discutir a respeito da ludicidade no processo de ensino e aprendizado em aulas de balé clássico para crianças de 05 anos, além de descobrir se essas aulas, ministradas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida em 2016 e 2017, colaboraram de alguma forma para os aspectos motor, cognitivo e social do desenvolvimento das crianças participantes. Estudos nos mostram que este processo de ensino e aprendizado se trata de uma proposta que só vem a contribuir com o aluno, o professor e todo o sistema de ensino, com isso, por meio de entrevistas semi-estruturadas apresenta-se o artigo em três diferentes olhares:



o olhar do professor, que é o responsável pelas propostas das aulas e também observador do processo de experimentação, o olhar da criança, que é quem está recebendo e experimentando tais propostas, e o olhar da mãe que é quem observa a criança conhecendo seu desenvolvimento e crescimento antes e depois das aulas, para que possamos encontrar essas contribuições.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Fabíola Mangieri Pittman, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Valéria Thomá Malulei dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, anonimato e confidencialidade da pesquisa e concordo em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Pampo Grande - MS, 05, 09, 2017

Fabíola



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE CAMPO GRANDE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa "A LUDICIDADE E O ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO PARA CRIANÇA DE 05 ANOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO" desenvolvida pela acadêmica Valeska Thomé Malulei da Graduação em Artes Cênicas e Dança da Universidade estadual do Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Professora Ma. Christiane Araújo.

Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação a pesquisadora ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto ou sobre sua participação. As informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e que os resultados obtidos serão descritos de forma codificadas, não sendo divulgada qualquer informação que possa levar a sua identificação. Em hipótese alguma terá a identidade revelada. Para a utilização de imagem será elaborado um documento à parte para possível autorização e garantindo o anonimato do participante. Se você concordar em participar, favor assinar no final do documento.

Valeska Thomé Malulei
Rua Jornalista Márcia Mendes, 507, Jardim Campo Alto valeskamalulei@hotmail.com (67) 999152542
Orientadora: Prf ^a Ma. Christiane Araújo
Este estudo tem por objetivo discutir a respeito da ludicidade no processo de ensino e aprendizado em aulas de balé clássico para crianças de 05 anos, além de descobrir se essas aulas, ministradas no Estúdio de Dança Beatriz de Almeida em 2016 e 2017, colaboraram de alguma forma para os aspectos motor, cognitivo e social do desenvolvimento das crianças participantes. Estudos nos mostram que este processo de ensino e aprendizado se trata de uma proposta que só vem a contribuir com o aluno, o professor e todo o sistema de ensino, com isso, por meio de entrevistas semi-estruturadas apresenta-se o artigo em três diferentes olhares:

o olhar do professor, que é o responsável pelas propostas das aulas e também observador do processo de experimentação, o olhar da criança, que é quem esta recebendo e experimentando tais propostas, e o olhar da mãe que é quem observa a criança conhecendo seu desenvolvimento e crescimento antes e depois das aulas, para que possamos encontrar essas contribuições.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, FERNANDA ARRUDA BORGES, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Valuska Thomá Maluli dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, anonimato e confidencialidade da pesquisa e concordo em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Campo Grande - MS, 20, 09, 2017

Seman da E. su Amara Borges

ENTREVISTA MÃE 1

QUAL MOTIVO DE TRAZER A CRIANÇA PARA AS AULAS DE BALÉ?

“Na verdade, desde pequenininha, ela já demonstrava uma aptidão para a dança. Eu coloquei ela com 05 meses na musicalização, assim como eu fiz com o Mateus, porque eu lia muito, grávida, que a musicalização era boa para um monte de coisa... coordenação motora... E ela foi se descobrindo. E a gente percebia que qualquer coisa ela já dançava. Aí, eu não sei onde ela viu bailarina pela primeira vez e ela me pediu uma roupinha de bailarina. Então desde pequenininha eu tenho guardada as roupinhas dela. E ela se vestia de bailarina em casa e eu tinha que colocar meia, sapatilha, tudo! Só não fazia coque, porque o cabelo era curtinho. E ela dançava, eu punha musica, e ela dançava em casa. Aí, até a Valeria sabe disso, que eu vim aqui e ela não podia fazer aula ainda, muitas vezes eu ficava na porta aqui pra ela ficar vendo as meninas, e ela ficava assim, ansiosa, pra começar a fazer ballet. A ansiedade diminuiu um pouco quando ela entrou na escolinha, e tinha as aulas de ballet na escolinha, então ela conseguiu suprir um pouquinho, essa ansiedade. Ela estava louca pra poder chegar aos quatros anos pra poder entrar aqui”.

ENTÃO VOCE ACREDITA QUE FOI ATRAVÉS DA MUSICA O PRIMEIRO CONTATO QUE ELA TEVE COM A DANÇA?

“Eu acho que sim, através da musica, das aulas de musicalização”.

PARA ELA VIR, VOCÊ PRECISA INSISTIR?

“Nem um pouco! Ela estava esperando ela chegar na idade, para eu poder colocar ela na Escola de Dança. Tanto que, tem dias que eu percebo que ela esta cansada, com sono, mas ela não falta de jeito nenhum. Ela bem assídua, disciplinada. As vezes ela vem dormindo no carro, ai chega aqui na frente, parece que ela nem estava dormindo. Rs. Ela ADORA!”

O QUE VOCE ACREDITA QUE É DESENVOLVIDO NAS AULAS QUE FAZ COM QUE ELA NÃO QUEIRA FALTAR?

“Sobre a aula? As vezes ela conta que aprendeu um passo novo, alguma coisa assim. Quer me mostrar a dança... Mas ela não conta muita coisa não!

Principalmente quando tem espetáculo, aí que ela não conta. As vezes ela dança um pouquinho em casa, mas não conta a dança, não fala da coreografia, não dá a posição que ela vai ficar, ela não conta”.

E PORQUE VOCE ACREDITA QUE ELA NÃO CONTA?

“Acho que ela quer fazer surpresa né.”

E PENSANDO NA PARTE MOTORA, VOCE PERCEBE ALGUMA COISA QUE AGORA, COM AS AULAS ESTÁ DIFERENTE DE COMO ERA ANTES?

Sim, A Maria Clara, eu não sei... Ela sempre foi meio... Como que eu vou te falar... A parte física da perninha dela, ela tem o joelho meio pra dentro, então o pezinho dela é pra dentro, e ela caía muito. Ate levei ao medico, levei ao fisioterapeuta, fez um palmilha. Mas eu percebo que ela tem caído menos. Eu acho que ela tá mais segura, ela era meio atrapalhada. Não dançando, engraçado, quando ela tá dançando ela bem diferente, mas em casa ela sai correndo, ela não presta atenção, e eu acho que isso não é de qualquer criança, eu acho que isso é dela. Ela vive cheia de roxo, ela cai, Mas no ballet não. Ela faz os passos certinhos, quando ela pula ela cai certinho, eu percebo isso. Então eu acho que o ballet melhorou essa parte, também. Ela tá mais coordenada, vamos dizer assim.

ATÉ PARA AS OUTRAS ATIVIDADES?

Sim, tenho percebido. Não tem mais se batido tanto. Então eu acho que as aulas tem ajudado bastante. O ballet ta ajudando bastante nessa parte de coordenação motora mesmo.

E NA QUESTÃO COGNITIVA, INTELECTUAL? VOCE PRESTOU ATENÇÃO SE ALGO FICOU DIFERENTE? SE ELA FICOU MAIS ESPERTA, MAIS ATENTA, MAIS CONCENTRADA? ALGO QUE ANTES NÃO NOTAVA?

O duro é que ela sempre foi muito concentrada, muito disciplinada. E cada vez mais né. Até a professora da escola comenta que ela chega na escola, se posiciona e fica durinha. A professora corrigindo tarefa, a sala pegando fogo e ela não levanta, ela fica sentada. A professora precisa falar, Maria Clara, pode brincar, depois a professora vai começar explicar, então se a professora não dá

o comando, ela não vai. Até a professora de ballet da escola, contou que estavam na aula de ballet e mandou fazer uma posição e ai depois falou: agora vocês podem brincar, e ela começou a correr na posição! A professora precisou falar, Maria clara, pode desmanchar! Então sempre foi muito concentrada e disciplinada. Mas eu percebo isso cada vez mais nela, então o ballet esta ajudando a desenvolver mais nela.

COMO VOCÊ ACHA QUE ELA É NA QUESTÃO SOCIAL? ELA É TIMIDA?

Sim, ela é tímida. Depois que ela conhece a pessoa, que passa um tempo, ela começa a se soltar mais, mas ela é bem tímida. Antigamente ela nem cumprimentava as pessoas, falavam oi e ela abaixava a cabeça. Hoje ela já consegue falar oi, bom dia, mas ela só consegue se soltar mesmo, depois de um tempo. Por exemplo, ela entrou na escola, mudou de professora, então ela começa a se soltar uns 4 meses depois.

E VOCÊ ACHA QUE A DANÇA AQUI, AS NOSSAS AULAS, MELHOROU ISSO NELA? ESSA QUESTÃO DA TIMIDEZ? DE ALGUMA FORMA?

É, acho que sim, porque ela chega, no começo não, porque era mais tímida, mas hoje sim, ela chega e já se solta. Até entrou uma amiguinha nova e ela já chegou e me contou o nome, eu vi ela conversando com a menina, coisas que ela não fazia antes. Então eu acho que melhorou sim.

TALVEZ SEJA A FORMA COMO NÓS TRABALHAMOS AQUI?

Eu acho que sim. Inclusive acho que pelas aulas serem bem participativas, ela pode se soltar mais.

ENTÃO VOCÊ ACREDITA QUE AS AULAS TEM FEITO DIFERENÇA?

Sim, muito, em vários aspectos. Melhorou a concentração que ela já tinha, postura como eu te falei, ela tá caindo menos, se batendo menos, ela esta mais concentrada no andar, a gente percebe que ela não senta igual a gente, ela tem uma postura pra tudo. Tudo esta influenciando para melhor.

Eu acho muito legal a forma como você dá aula, inclusive até dentro da coreografia. Ela sempre comenta sobre as brincadeiras e que elas ajudam a

criar nomes. Ela fala assim, mãe, a gente faz uma musiquinha para não esquecer a coreografia, então ela fala que na cabeça dela, pra ela não errar, ela grava a “musiquinha” que você ensina, então ela fica cantando a musiquinha na cabeça pra ela não errar.

ENTREVISTA CRIANÇA 1

VOCÊ GOSTA MUITO DE BALÉ, MAS EU QUERIA SABER POR QUE VOCÊ GOSTA MUITO?

Bom, eu fiz balé desde pequenininha e eu nunca cansei de fazer balé.

E PORQUE VOCÊ TEM VONTADE DE VIR ÀS AULAS? O QUE VOCÊ GOSTA AQUI?

Bom, porque eu gosto de dançar.

E DAS AMIGAS QUE TEMOS AQUI?

Eu também gosto muito.

COMO VOCÊ ACREDITA QUE SEU CORPINHO SE COMPORTA NA AULA?

Bom, eu acho que ele é obediente.

TUDO QUE VOCÊ PENSA ELE OBEDECE?

Aham.

E QUANDO VOCÊ NÃO PENSA?

Ele faz bagunça.

E SE A GENTE PENSAR EM UM EXERCÍCIO QUE É SÓ COM UM PÉ SÓ. SEU CORPO FICA MUITO OBEDIENTE? SEM CAIR?

Sim.

E VOCÊ ACHA QUE FICA OBEDIENTE PORQUE VOCE JÁ FAZ MUITO BALÉ?

Não. É por causa do que você falou, que é só a gente ficar quietinha, esticar o pescoço, encolher a barriga.

ENTÃO VOCÊ SEMPRE SE LEMBRA DO QUE EU FALEI! LEGAL! E O QUE VOCÊ ACHA QUE É ISSO QUE EU FALEI?

Eu acho que isso e como se fosse a escola, que agente tem que aprender.

MAS PRA GENTE APRENDER O QUE A GENTE PRECISA?

Pensar;

E PENSAR, FICAR QUIETINHA, APERTAR A BARRIGA É SE?

Concentrar.

ISSO MESMO! E VOCÊ ACHA QUE SE CONCENTRA TAMBÉM FORA DO BALÉ?
NO QUE POR EXEMPLO?

Bom, como assim?

VOCÊ VEM AQUI E TREINA MUITO, AI QUANDO SAI DAQUI E VAI FAZER AS
OUTRAS COISAS, VOCÊ ACHA QUE, PORQUE TREINOU MUITO NO BALÉ
AJUDA A FAZER AS OUTRAS COISAS DE FORMA MAIS FÁCIL? POR QUÊ?

Bom, eu acho que ajuda, porque eu sou muito concentrada no balé.

ENTAO VOCÊ ACHA QUE ANTES DE FAZER BALÉ VOCÊ ERA MENOS
CONCENTRADA?

Bom, sim. E quando eu tinha dois anos eu era menos concentrada. Eu me lembro
que eu era concentrada, mas não tão concentrada como hoje. É por causa do balé.

COMO VOCÊ ACHA QUE AS AMIGAS FICAM AQUI NO BALÉ?

Eu acho que elas se dão bem, todas.

E ESSE TEMPO QUE VOCÊS PASSAM JUNTAS? LEMBRANDO DE QUANDO
VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI COM ELAS E AGORA QUE ESTÁ. VOCÊ ACHA QUE
ALGUMA COISA FICOU DIFERENTE?

Sim, eu acho que agora eu tive, assim, mais amigas. Porque antes, eu só tinha as
amigas da escola, agora eu tenho mais. É o tempo que passo com elas que ficamos
mais amigas.

VOCÊ GOSTA DE COMO FICAMOS JUNTAS NA AULA? POR EXEMPLO, NA
NOSSA CHAMADA?

Eu gosto, e gosto daquela hora de falar o presente.

E VOCÊ GOSTA SÓ DE FALAR, OU TAMBÉM DE OUVIR?

Dos dois.

É O MOMENTO QUE TEMOS PRA FICAR PERTO, SABER O QUE ELA GOSTA, OU NÃO. E QUANDO A GENTE TRÁS OS BRINQUEDOS TAMBÉM. PORQUE VOCÊ GOSTA DA PARTE DOS BRINQUEDOS?

Porque gosto de mostrar meus brinquedos para as amigas e gosto de ver os brinquedos delas também, pra saber o que elas tem de brinquedo.

VOCÊ ACHA QUE VOCÊ É MUITO TÍMIDA?

Bom, com a minha “prof” de artes, no começo eu sou um pouco tímida, mas depois melhora.

E PORQUE VOCÊ ACHA QUE NO COMEÇO E ASSIM E DEPOIS MELHORA?

Porque eu tenho vergonha. Ainda mais porque eu fico sozinha. Quando tem mais amigas tenho menos vergonha.

E ANTES DO BALÉ, VOCÊ ERA MAIS TIMIDA? POR QUÊ? SERA QUE O BALÉ MUDOU ALGUMA COISA? DEIXOU VC MAIS FALANTE?

Eu acho que sim, porque eu tenho mais amigas pra conversar.

MAS VOCÊ ACHA QUE FAZENDO UMA AULA JUNTO COM AS AMIGAS, COMO QUANDO FAZEMOS A BRINCADEIRA DA PLANTINHA, VOCE FICA MENOS TIMIDA? ATE FORA DO BALÉ?

Sim pra conversar com alguém na padaria, na farmácia, fui ficando menos tímida.

E O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA AULA DE BALÉ?

De

fazer

pontinha.

E SE A GENTE PENSAR NOS EXERCÍCIOS QUE O CORPO FAZ, QUE TEM QUE FAZER COM A AMIGA, OU QUE FAZEMOS NO ESPAÇO E COLOCAMOS UM NOME, POR EXEMPLO, O ZIG ZAG. DISSO TUDO O QUE VOCE MAIS GOSTA?

O de fazer com a amiga. Eu prefiro, pra ter uma amiga perto, por causa que, quando eu brinco na minha salinha de brinquedos, o meu irmão não vai. Porque ele já tem 11 anos, ele quase não brinca mais.

ENTÃO ESSES MOMENTOS QUE A GENTE TEM COM AS AMIGAS É UMA FORMA DE BRINCAR TAMBÉM?

Sim, a gente faz brincadeira de bailarinas.

E VOCÊ ACHA QUE É MAIS LEGAL APRENDER O BALÉ COM ESSAS BRINCADEIRAS, OU SE NÃO TIVESSE BRINCADEIRAS? POR QUÊ?

Bom, com brincadeira, pra ficar mais divertido o balé.

E SE A GENTE PENSAR ASSIM: NA BRINCADEIRA DO QUEBRA CABEÇA. SE EU SÓ FALASSE QUE ERA UM MOVIMENTO, SEM TER O NOME DE QUEBRA CABEÇA. VOCE ACHA QUE IA FICAR MAIS DIFÍCIL DE SE LEMBRAR?

Sim, mais difícil. Assim... pra mim ficaria fácil dos dois mesmos jeitos, só que mesmo assim, eu acho mais legal a brincadeira, quando tem um nome.

E VOCÊ GOSTA DAQUELAS PARTES DO BALÉ QUE PODE FAZER DO JEITO QUE QUISER? POR QUÊ?

Aham, porque eu posso fazer pirueta! E posso dançar muito do meu jeito.

E DAS BRINCADEIRAS DE IMAGINAR?

Eu gosto, porque é uma brincadeira, mas era difícil, tinha que ficar de olho fechado. Mas foi legal. A parte mais legal é ouvir a musica pra dançar.

E SE A GENTE PENSAR ASSIM: ANTES DE VC FAZER BALÉ AQUI, E AGORA QUE VOCÊ FAZ. VOCÊ ACHA QUE TEM ALGUMA COISA QUE FICOU DIFERENTE EM VOCÊ?

Ficou diferente uma coisa em mim. Sabe, eu tento em casa montar apresentações, então eu posso usar mais passos.

ENTÃO VOCÊ FICOU MAIS CRIATIVA PORQUE APRENDEU COISAS NOVAS?

Sim. E eu também posso mostrar pra minha mãe os passos que eu aprendi.

ENTREVISTA MÃE 2

PORQUE VOCÊ QUIS QUE A CRIANÇA PRATICASSE AULAS DE DANÇA?

Primeiro porque ela gosta, ela adora dançar. E eu acho importante esta questão... eu encaro o ballet nessa fase da vida como um esporte, uma atividade física também, e eu acho importante ela ter contato com uma atividade física desde cedo. O balé, na minha concepção, primeiramente entra como exercício. Ela gosta, pra ter uma rotina de exercício na vida dela. Basicamente isso. E assim, ela é muito tímida, e eu sinto que a cada apresentação ela consegue se soltar mais, perder a timidez. E isso também é muito importante, porque ela tem dificuldade de ficar em público, pode parecer que não, mas ela tem. E eu sinto que desde que ela começou a fazer o ballet, essa questão pra mim é uma vitória! Imagina, os espetáculos que ela participa, quantas pessoas estão ali assistindo? Eu valorizo muito isso! Então eu acredito que coloquei também, por essa questão da insegurança.

VOCÊ ACREDITA QUE ELA É UMA CRIANÇA INSEGURA?

Eu acho.

EM REALAÇÃO AS OUTRAS ATIVIDADE TAMBÉM?

Ela é. É insegura, é bastante perfeccionista, quando não consegue fazer do jeito "certo" ela se retrai. Eu tenho essa sensação sabe?!

E VOCÊ ACREDITA QUE COM AS AULAS DE BALÉ ISSO TEM SIDO DIFERENTE?

Ah, com certeza! Até porque envolve uma autoestima né, ela fica mais segura, mais orgulhosa. Eu acho que esse sentimento é plantado no coraçãozinho durante as aulas, e deve mesmo ser plantado desde cedo. Fora a disciplina né?! Porque eu tenho visto as crianças de hoje em dia... tem crianças muito malcriadas né. Os pais terceirizam a educação, e isso eu acho que não está certo. Ensinar a dar bom dia, boa tarde, respeitar regras, uniforme, horário, também é um fator muito importante!

E ESSA QUESTÃO DA DISCIPLINA, VOCÊ TEM NOTADO ALGUMA DIFERENÇA?

Eu acho assim, é mais uma atividade que a gente mostra a importância de não faltar, de chegar no horário. Não isoladamente, entendeu, mas no contexto da rotina de vida dela, com certeza tem feito diferença sim. Funciona muito bem!

E ESSA QUESTÃO DELA IR PARA O BALÉ? É ALGO QUE VOCE TEM QUE INSISTIR OU É NATURAL?

Não, ela ama! Na verdade, os dias que ela vai para o balé, eu estou trabalhando, então não tenho como levar e nem buscar no balé, infelizmente. Mas ela vai super feliz e volta super feliz! Conta os passos novos, dançando.

O QUE VOCÊ ACREDITA QUE EXISTA NAS AULAS QUE FAZ COM QUE ELA QUEIRA IR? GOSTE TANTO?

E acho que a “novidade”. Porque ela sempre chega e quer mostrar uma dança, um passo. Conta sobre a aula, os exercícios, as amigas. E por falar em amigas, tem algumas da escola dela, que foi ela quem levou! Chega e fala pras amigas, me pede pra mandar watssap pras mães pra convidar pra fazer balé com ela! Ela gosta de estar ao redor de crianças, sabe, essa relação eu também acho que é muito importante. Interagir com outras crianças, idades diferentes, comportamentos diferentes, estar sempre em comunidade mesmo, ter esse contato.

VAMOS PENSAR AGORA NA PARTE MOTORA, DE COMO ELA É. ANTES DE PRATICAR AS AULAS PARA AGORA QUE PRATICA. O QUE TEM DE DIFERENTE?

Equilíbrio, propriocepção, eu até acho assim... também ela tá crescendo né, eu vejo assim, pular corda, fazer estrelinha, coisas que eu acredito que é o bale que trás, que ajuda. Coisas de ginástica, de passos, de movimentação do corpo mesmo. Eu acho que melhorou muito! Ate a questão espacial, ter noção de onde ela está. Ela nunca foi de trompar, era bem direcionada, mas assim, a postura, tem ficado muito diferente, muito bonita. E eu acho que isso com certeza foi o balé.

E QUANTO A QUESTÃO COGNITIVA, VOLTAMOS PARA O LADO INTELECTUAL. VOCÊ NOTA ALGUMA DIFERENÇA?

A Isabela ainda é muito dispersa, eu não sei se isso de fato já mudou alguma coisa. Quando ela esta em alguma atividade, ela olha, pensa na morte da bezerra, eu não sei se mudou. Mas na verdade, não é que ela é dispersa, é que ela repara em tudo, então tudo chama atenção pra ela. Ela repara eu roupa, se eu chego com um esmalte diferente ela repara, sapato novo. Ela esta muito ligada nos 360, ela tem uma percepção do ambiente que nem eu tenho, mas é dela! Então eu acho que isso que prejudica a questão do foco, da assimilação.

Uma coisa que eu acho muito importante que você continue a enfatizar é disciplina, o que é certo é certo. Não é não. Tudo tem a hora certa.

ENTREVISTA CRIANÇA 2

EU SEI QUE VOCÊ ADORA BALÉ, ADORA DANÇAR. MAS EU QUERO SABER POR QUÊ.

Eu gosto porque quase todo mundo da minha família dança, lá em casa até meu irmão dança mesmo sendo um bebê.

E NESSE BALÉ QUE A GENTE FAZ AQUI, PORQUE VOCE GOSTA?

Porque as minhas tias estão aqui. E também eu sempre assisti as bailarinas grandes.

MAS E SE A GENTE PENSAR NA NOSSA AULA. A GENTE SENTA, FAZ A CHAMADA, FAZ OS EXERCÍCIOS NA FITA, NA PANELA.

É porque eu acho legal a aula.

O QUE VOCÊ ACHA MAIS LEGAL?

Eu gosto quando a gente dança, a gente faz coisas muito divertidas aqui.

O QUE É MAIS DIVERTIDO?

Eu gosto do zig zag.

E QUANDO A GENTE FAZ AS OUTRAS BRINCADEIRAS EM QUE SEMPRE COLOCAMOS NOMES. VOCÊ ACHA QUE FICARIA MAIS FÁCIL OU DIFÍCIL?

Eu acho que iria ficar mais difícil. A gente ia confundir as brincadeiras. O nome faz a gente lembrar qual brincadeira é, como ela vai ser.

AGORA VAMOS PENSAR NO SEU CORPINHO. QUANDO ELE ESTA NA AULA DE BALÉ ELE É OBEDIENTE?

As vezes fica difícil. Quando tem que equilibrar, eu não estou muito acostumada.

E FORA DA AULA DE BALÉ, TAMBÉM É DIFÍCIL FICAR COM EQUILÍBRIO?

Não, só na aula de balé, porque na minha casa eu tenho banquinho pra segurar.

O QUE VOCÊ ACHA QUE A GENTE PRECISA FAZER NO BALÉ PARA OS EXERCÍCIOS DAREM CERTO?

Eu acho que a gente precisa fazer muita concentração. Quando alguém faz gracinha eu não gosto, quero que todo mundo faça tudo certinho.

E O QUE VOCÊ ACHA QUE É CONCENTRAÇÃO?

Concentração e quando a gente tem que ficar reta, olhando reto sem parar.

E VOCÊ ACHA QUE VOCE É BASTANTE CONCENTRADA NO BALÉ?

Sim.

E FORA DO BALÉ?

Fora do balé eu acho que sou desastrada. Porque um dia, eu fui tomar água e derrubei tudo.

E ALÉM DISSO? SERÁ QUE VOCÊ BATE MUITO NAS COISAS?

Não.

E VOCÊ ACHA QUE DEPOIS QUE VOCÊ COMEÇOU A FAZER O BALÉ AQUI, FICOU DIFERENTE ALGUMA COISA? POR EXEMPLO, MAIS CONCENTRADA?

Sim.

COMO VOCE ACHA QUE VOCE É? TÍMIDA?

Eu converso, não tenho muita vergonha.

E QUANDO A GENTE NÃO PODE FICAR CONVERSANDO? VOCÊ ACHA DIFÍCIL?

Aham. É difícil.

ENTÃO A GENTE PRATICAR ISSO AQUI, VOCÊ ACHA QUE TEM AJUDADO NA ESCOLA TAMBÉM?

Sim, eu converso e também presto atenção.

E COMO VOCÊ ACHA QUE SÃO AS AMIGAS AQUI NO BALÉ?

Elas são muito legais.

E COMO A GENTE FAZ NOSSA AULA. O QUE VOCÊ GOSTA?

Eu gosto na nossa chamada, quando a gente fala sobre os presentes, princesas, brincadeiras.

E VOCÊ GOSTA MAIS DE FALAR?

Não, eu também gosto de ouvir de todo mundo. Porque eu quero saber, se elas tem algumas coisa que eu já tenho pra gente poder brincar juntas.

VOCÊ ACHA QUE NOSSO BALÉ TEM BRINCADEIRA?

Tem.

QUAIS?

Eu não sei.

O QUE VOCÊ ACHA QUE FICOU DIFERENTE EM VOCÊ, DESDE QUE COMEÇOU A FAZER ESTE BALÉ. EM VOCÊ, O QUE FICOU DIFERENTE?

Bom, lá tinha uma salinha pequena, aqui tem uma sala grande.

MAS EM VOCÊ, O JEITO DE VOCE ANDAR, BRINCAR, DANÇAR, FALAR. O QUE FICOU DIFERENTE?

Não sei. Acho que muitas coisas como equilíbrio, ser mais concentrada.

